

EM TEMPOS SOMBRIOS: A LUZ DAS LIVES

Juliana Graziela¹

Como iluminar em tempos de sombras? Começo com essa pergunta, pois em pleno ápice de estudos, experimentações e agenda de trabalho do Grupo Penumbra, esse momento de pandemia/isolamento foi como se nossos movimentos com as luzes se apagassem.

Tínhamos voltado de São Paulo, depois de uma temporada no período de 15 a 27 de janeiro, para participar da *Mostra a_ponte – Cena do Teatro Universitário*, organizada pelo Itaú Cultural. Fomos os únicos selecionados do Centro-Oeste para Mostra, uma experiência incrível e pela qual somos muito gratos. Também íamos seguido ao Pantanal nos apresentar no teatro do Hotel SESC Porto Cercado, que recebe muitos turistas, com público de vários lugares, e pelo qual somos sempre agradecidos pela importante parceria.

A pandemia do novo Coronavírus, a COVID-19, nos privou de várias coisas, entre elas, do contato direto da nossa arte com o público, a arte da *presença* e também de artistas que consomem arte nas suas mais variadas linguagens, para se alimentarem e refletirem sobre o seu próprio fazer.

Passados alguns dias de quarentena, começavam a surgir *lives* e *links* para assistir a peças de teatro

online. Eu olhava tudo o que estava relacionado com contação de história, teatro, dança, ciência etc. Comecei a fazer apresentações contando histórias de “Literaciência”, trabalho individual que também estava a todo vapor antes do isolamento, em que misturo histórias com experimentos de ciências, em *lives* pelo *instagram*, a partir do convite do SESC Arsenal, o que constitui uma bela oportunidade de trabalho e desafios. Assim uma chama se acendeu e foi crescendo.

Em meio a esses bombardeios de olhar várias *lives* e, ao mesmo tempo, me reinventando de maneira a criar alternativas para as ações que eu precisava realizar, tanto pelo SESC Arsenal, quanto pelo projeto MT Ciências da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECITECI), apresentei a Performance *La Luz*. Trata-se de uma personagem que parece ter vindo do espaço, usa variadas demonstrações de luzes e propõe experimentos de ciências relacionados a essa temática. Confesso que, nesse momento, comecei a sentir falta do teatro de sombras e passei e me perguntar: onde estavam os sombristas? O que estão fazendo? Porque não os vejo em *lives*?

Assim surgiu a ideia de fazer *lives* para falar sobre teatro de sombras e de seus fazedores, uma maneira de compartilhar e promover o acesso, a troca de informações sobre essa arte com pessoas da cidade e da região. Utilizaríamos o *instagram* do Grupo Penumbra, do qual faço parte. O grupo pesquisa e trabalha com essa linguagem o que o coloca como referência regional em torno do

¹ Atriz, diretora, bonequeira, sombrista, *performer*, contadora de histórias, produtora, professora de teatro. Integra o Grupo Penumbra, de Cuiabá - MT. E-mail: grupopenumbrateatrodesombra@gmail.com



Chamada para as *lives* do Grupo Penumbra. Arte de Júlio Rocha.

tema. Inicialmente pensamos em realizar as *lives* durante duas semanas, de segunda a sábado, com artistas/grupos de sombristas que eu já conhecia e admirava o trabalho. A primeira aconteceu no dia 20 de abril de 2020.

Solicitei ajuda ao artista e amigo Alexandre Fávero, da Cia. Lumbra, de Porto Alegre (RS), que de forma generosa e apoiadora, “pegou essa lanterna comigo”, me auxiliando nos contatos, na elaboração de perguntas e outros aspectos para a sua realização. A ação inicial prevista para duas semanas se estendeu por quatro semanas seguidas, de segunda à sábado. Ela ocorre ainda hoje, porém durante duas vezes na semana, as terças e aos sábados, com mediações alternadas entre os demais integrantes do Penumbra. Fazer a mediação sozinha ficou difícil e eu precisava respirar um pouco, cuidar de demandas, de trabalhos individuais.

Recebemos convidados, artistas/grupos do Brasil e de outros países, para falar sobre teatro de sombras e da maneira como trabalham com essa linguagem. Uma ação pensada de modo simples acabou se tornando uma rede de trocas, vivências e afetos entre artistas, grupos, curiosos e público. Percebo que a sede de saber sobre o teatro de sombras não era só minha, e isso fica visível, tanto pelo que

dizem os convidados, quanto pelos espectadores que participam ativamente com comentários e perguntas. Vejo sombristas abertos a trocar suas experiências, fazer demonstrações práticas e curiosos para perguntar.

Nesses encontros tenho aprendido e aprimorado meus conhecimentos sobre o teatro de sombras, se antes eu já era apaixonada e pensava que essa linguagem tinha grandes possibilidades, hoje tenho certeza de que elas são infinitas. É como se o estudo sistemático, o acesso à especialização em teatro de sombras que eu não tive a oportunidade em fazer, agora está se concretizando. Estamos produzindo conhecimentos de maneira virtual, não institucional, colaborando para preencher a lacuna na inexistência de curso voltado exclusivamente para o teatro de animação.

A riqueza dos registros efetuados em nossas *lives* reúne farto material para aprendizagens, reflexões e memorial de sombristas. As entrevistas e participações são disponibilizadas posteriormente por meio do canal do *YouTube* do Grupo Penumbra, o que torna o material acessível a todos os interessados.

Acredito que este trabalho encurta as “distâncias” no ato de aprender essa arte, destacando diferentes maneiras de concepção e trabalho dos artistas/grupos. Promove maior interação entre nós sombristas, e os diferentes idiomas dos participantes não têm se tornado uma grande barreira.

Destaco uma bela parceria realizada com Felipe Ferreira, do Rio de Janeiro, que nos desafiou a fazer cenas de sombras para o *clip* de sua música criada sobre nossas vivências na pandemia. Foi mais um bom momento.

Outra oportunidade de trabalho que ajudou a me manter ativa surgiu no edital da MT Escola de Teatro/UNEMAT, local onde me formei em direção teatral em 2018. Ali ministrei um Curso de Teatro de Sombras de forma *online*, com carga horária total de 15 horas-aula, pela plataforma *zoom*. Mas fazer a seleção dos inscritos provenientes de vários lugares

do Brasil foi tarefa difícil: escolher pelos currículos, pela carta de intenção em que cada candidato expressava o desejo de participar, seus comentários sobre as *lives* do Grupo Penumbra, tudo isso me envolveu e me fez refletir sobre a responsabilidade de selecionar, de escolher as pessoas. Aprendi muito! O término do curso se deu com uma mostra dos vídeos criados pelos participantes, realizada na mesma plataforma, denominada “Mostra Alumiar”. Para mim, o mais importante foi encorajar, esses “trocadores” como gosto de chamá-los, a experimentar e a compartilhar suas experiências. E junto com eles descobri que “nos sombrietas temos que olhar mais para as possibilidades, pois quem vê obstáculos é a luz”. Vivi outras experiências que talvez demorassem a acontecer, ou quem sabe, nem aconteceriam: participei de uma oficina prática de

comicidade física e cascata no estudo da palhaçaria; falei do meu trabalho em *lives* organizadas por pessoas que conheci virtualmente; apresentei teatro Lambe-Lambe ao vivo em um festival virtual; integro o Grupo de Estudos sobre Teatro de Animação, da UDESC, com temática sobre teatro de bonecos de luva.

Portanto, este momento de pandemia é de grandes aprendizados. Reflexões em torno de temas como presença, distância são revistos, novas experiências são vividas, sobretudo apoiadas em tecnologias, e percebo que temos nos reiventado por meio delas. Finalizo este texto/relato com muita emoção; é meu primeiro escrito para uma importante revista. É uma honra imensa ter escrito esses apontamentos e partilhar com todos.

A Vila de Pantolux (2019). Grupo Penumbra. Direção: Juliana Graziela. Foto: Emanuele Daiane.

